

N. 6 DEZ 2017

**Retratos**

A REVISTA DO IBGE

# 2017: o ano da agricultura

**O clima ajudou e a terra respondeu com safras recordes de milho e soja**

**ODS 2: AGRICULTURA SUSTENTÁVEL E COMBATE À FOME**

**AS NOVAS CARAS DOS ARRANJOS FAMILIARES BRASILEIROS**

**OS DIVERSOS SENTIDOS DAS DIVISÕES REGIONAIS AO LONGO DO TEMPO**

De outubro/2017  
a fevereiro/2018.



## CENSO AGRO 2017. NÓS VAMOS COLHER INFORMAÇÕES, O PRODUTOR RURAL VAI COLHER RESULTADOS.

Com o Censo Agro 2017, o IBGE vai a campo para coletar informações e criar um retrato fiel da nossa agropecuária, que representa um dos setores mais importantes para o país, porque movimenta a economia e a vida de todos nós. Assim, a partir desses dados atualizados, o Brasil poderá criar políticas e soluções para todo tipo, tamanho e característica de produtor rural. Se desejar saber mais sobre o questionário ou outras informações, visite nosso site. Receba bem o recenseador do IBGE e responda corretamente as perguntas.

**JUNTOS, VAMOS COLHER RESULTADOS PARA O BRASIL.**



Saiba mais em  
[censoagro2017.ibge.gov.br](http://censoagro2017.ibge.gov.br)  
ou ligue 0800 721 8181



MINISTÉRIO DO  
PLANEJAMENTO,  
DESENVOLVIMENTO E GESTÃO



**DE GRÃO EM GRÃO O BRASIL COLHEU AO LONGO DE 2017 A SAFRA RECORDE** que contribuiu para um impacto positivo na economia nacional e manteve o país entre os principais produtores de soja, milho e arroz. Uma produção rural diversificada e potente, além de impulsionar a economia, também pode ser a base para o Brasil ser referência mundial de projetos de agricultura sustentável e de combate à fome – temas que fazem parte do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável nº 2, assunto de nossa terceira entrevista da série sobre os ODS.

Outro assunto bastante atual são os novos arranjos familiares que vêm se desenhando nos lares brasileiros. O modelo tradicional formado por pai-mãe-filhos não foi descartado, mas a sociedade se abre para novas formas de

convivência doméstica. Seja por opção, necessidade ou outro motivo, pessoas de vários níveis de parentesco, ou sem parentesco algum, passam a viver sob o mesmo teto, mostrando que o relacionamento entre as pessoas pode dar certo em vários formatos.

Na fauna e flora brasileiras, diversidade também é o tom. Uma multiplicidade de plantas e animais convivendo em seis biomas que chamam a atenção mundial por sua variedade de espécies. Dentro do território, esta diversidade nos ajuda a pensar formas de organização espacial que são levadas em conta na divisão do país em Grandes Regiões, juntamente com fatores sociais e econômicos.

Esperamos que esses temas propiciem uma ótima leitura a todos!

**Equipe da redação**

## expediente

**Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**

Avenida Franklin Roosevelt, 166 sala 900 A - Centro - Rio de Janeiro - RJ 20021-120



### Presidente

Roberto Olinto Ramos

### Diretor-Executivo

Fernando J. Abrantes

### Diretoria de Pesquisas

Cláudio Crespo

### Diretoria de Geociências

Wadih João Scandar Neto

### Diretoria de Informática

José Sant' Anna Bevilacqua

### Centro de Documentação

e Disseminação

de Informações

David Wu Tai

### Escola Nacional de

Ciências Estatísticas

Maysa Sacramento

de Magalhães

### UNIDADE RESPONSÁVEL

**Coordenação de**

**Comunicação Social**

Diana Paula de Souza

### Editor

Marcelo Benedicto

### Editora assistente

Marília Loschi

### Editora de arte

Simone Mello

### Projeto gráfico

Helga Szpiz

Simone Mello

### Reportagem

João Neto

Marcelo Benedicto

Marília Loschi

Mônica Marli

### Editoração eletrônica

Licia Rubinstein

Pedro Vidal

Simone Mello

### Foto de capa

Licia Rubinstein

### Fotografia

A. Zucherman

Carlos Coutinho

Ivan Amaral

Eduardo Peret

João Neto

Jorge Silva

Licia Rubinstein

Marcos Amend

Marco Freitas

### Ilustração

Licia Rubinstein

Pedro Vidal

### Tratamento de imagens

Licia Rubinstein

Pedro Vidal

### Logística de distribuição

Helena Pontes

### Colaboradores

Bruno Bimbato, Frederico

Takahashi, Helga Szpiz,

Larissa de Pieri Grizoli,

Leandro Rodrigues Santos,

Karina Meirelles, Marina

Cardoso, Mauro Lambert,

Pedro Renaux e Rodrigo

Paradella

### Revisão de textos

Marília Loschi

Pedro Renaux

### Impressão

COAN Indústria Gráfica

Ltda.

### Tiragem

20.000 exemplares

### Retratos a Revista do IBGE

é uma publicação mensal do Instituto para distribuição interna e externa.

A publicação não é comercializada.

Todos os direitos são reservados.

Caso queira reproduzir as matérias e as imagens desta edição, entre em contato através do nosso e-mail.

Críticas e sugestões:

[revistaretratos@ibge.gov.br](mailto:revistaretratos@ibge.gov.br)

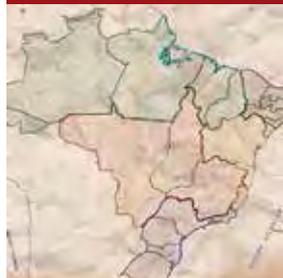
5 #ibge/publicações

26 cruzadas temáticas



**6 fome zero e agricultura sustentável**

Segurança alimentar e nutrição fazem parte do ODS 2



**8 cinco faces do Brasil**

As divisões regionais e suas mudanças na história



**13 biodiversidade brasileira**

O mapa do tesouro da nossa flora e fauna



**16 novos arranjos familiares**

Família mosaico e outras formas de se fazer um lar



**24 milho e soja: safra recorde**

As influências positivas da colheita de 2017 na economia

# #ibge

agenciadenoticias.ibge.gov.br

@ibgecomunica

/ibgeoficial

@ibgeoficial

/ibgeoficial

**272.000** >>>  
total de seguidores



**+3.784**

novas curtidas no mês

**53.832**

pessoas envolvidas



**933.240**

usuários alcançados

Notícia mais lida na  
Agência IBGE Notícias

Informalidade aumenta e  
continua a reduzir o desemprego



**2.146**

acessos

goo.gl/  
gH81vX

## Destaque nas redes



Início Censo Agro



Estágio no IBGE



#IBGEemCampo



Comercial Censo Agro

referência: outubro

## publicações

Visite nossa loja virtual: <http://loja.ibge.gov.br/>



### Brasil: uma visão geográfica e ambiental do início do século XXI

Organizada em nove capítulos, a publicação reúne estudos sobre a formação territorial do Brasil, seu processo demográfico, a formação das cidades e a evolução do espaço rural e das atividades agropecuárias, a questão ambiental e as formas contemporâneas de viver e gerir as múltiplas diversidades do Brasil. Assim, o leitor tem acesso ao contexto de múltiplas alterações verificadas no território brasileiro.



### Atlas do espaço rural brasileiro

A obra traz, de forma espacializada, estatísticas do Censo Agropecuário 2006 e de outras pesquisas agropecuárias, populacionais e econômicas, bem como informações geográficas referentes às características territoriais, ambientais, de povoamento, localização, acessibilidade e fluxos. Os mapas enfatizam as relações e continuidades geográficas estabelecidas atualmente entre o rural e o urbano no Território Nacional.



# fome zero e agricultura sustentável

texto e fotos  
João Neto  
arte e design  
Lícia Rubinstein

**Garantir a segurança alimentar e promover a agricultura sustentável são ações indispensáveis para assegurar o progresso de uma nação. Isso implica pensar em políticas voltadas à valorização do agricultor, ao combate à fome e à redução da obesidade da população. André Costa e Octávio Costa comentam sobre os desafios que o Brasil tem pela frente e o papel do IBGE nesse trabalho.**

**Revista Retratos** Ainda existe fome no Brasil?

**André Martins** As pesquisas do IBGE e de outros institutos têm revelado que o Brasil não integra mais o mapa da fome no mundo. É claro que os levantamentos sempre mostram um grupo ou outro que apresenta características de desnutrição, mas isso não ocorre por problemas de disponibilidade de alimentos. O mais provável é que haja deficiências locais na gestão das políticas de distribuição, ou mesmo

## OBJETIVO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL 2: ACABAR COM A FOME, ALCANÇAR A SEGURANÇA ALIMENTAR E MELHORIA DA NUTRIÇÃO E PROMOVER A AGRICULTURA SUSTENTÁVEL

uma situação temporária, como o desemprego do provedor de uma família, por exemplo. O que a gente tem observado, especialmente após a POF (Pesquisa de Orçamentos Familiares) 2008/2009, é justamente o contrário. As pessoas estão comendo mais, só que alimentos inadequados. O consumo de alimentos processados aumentou muito, e isso tem acarretado problemas como obesidade, o que não deixa de ser tão preocupante quanto a fome.

**Retratos** Na sua visão, a agricultura brasileira pode ser considerada sustentável?

**Octávio Costa** Dependendo dos critérios, nenhuma agricultura será considerada 100% sustentável. Apesar de já existir um conceito da FAO (Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) de agricultura sustentável desde 1988, os indicadores de sustentabilidade agrícola ainda são motivos de controvérsia e discussão. A ideia de ter metas e indicadores serve para acompanhar a evolução da agricultura rumo a práticas mais sustentáveis ao longo do tempo, permitindo a comparação com outros países. No caso brasileiro, acredito que não tenhamos

alcançado a sustentabilidade, mas estamos evoluindo quando comparamos com a agricultura de décadas passadas. Estamos aumentando a nossa produtividade, ou seja, usamos menos área para obter uma mesma produção de alimentos. Isso significa uma menor demanda por desmatamento e de incorporação de terras ao sistema produtivo, mantendo ou aumentando a produção de alimentos.

**Retratos** O que o IBGE já tem de pesquisa sobre as condições nutricionais da população brasileira?

**André** Desde 1974, o IBGE realiza pesquisas por amostragem que servem de base para pesquisa de orçamento do consumo da população. Tivemos, por exemplo, o Endef (Estudo Nacional da Despesa Familiar) 1974/1975 e a POF 1987/1988, 1995/1996, 2002/2003 e 2008/2009, que serviram de base para atender parte dos indicadores. Em algumas pesquisas, inclusive, tivemos estudo antropométrico, que mediu e pesou parte da população.

**Retratos** E sobre a produção agrícola?

**Octávio** O que o IBGE produz hoje atende parcialmente às demandas dos indicadores.

Temos algumas informações sobre produção e produtividade agrícola do Censo Agropecuário de 2007. O Censo (Agropecuário) desse ano vai trazer muitos desses dados.

**Retratos** Quais são os desafios para o IBGE nestas áreas?

**André** Na área de produção alimentar, o desafio é manter as pesquisas já existentes e produzir outras, de forma regular. O ideal seria transformar a POF, que é de cinco em cinco anos, em uma pesquisa anual, mais simplificada, mas sabemos que isso envolve custos.

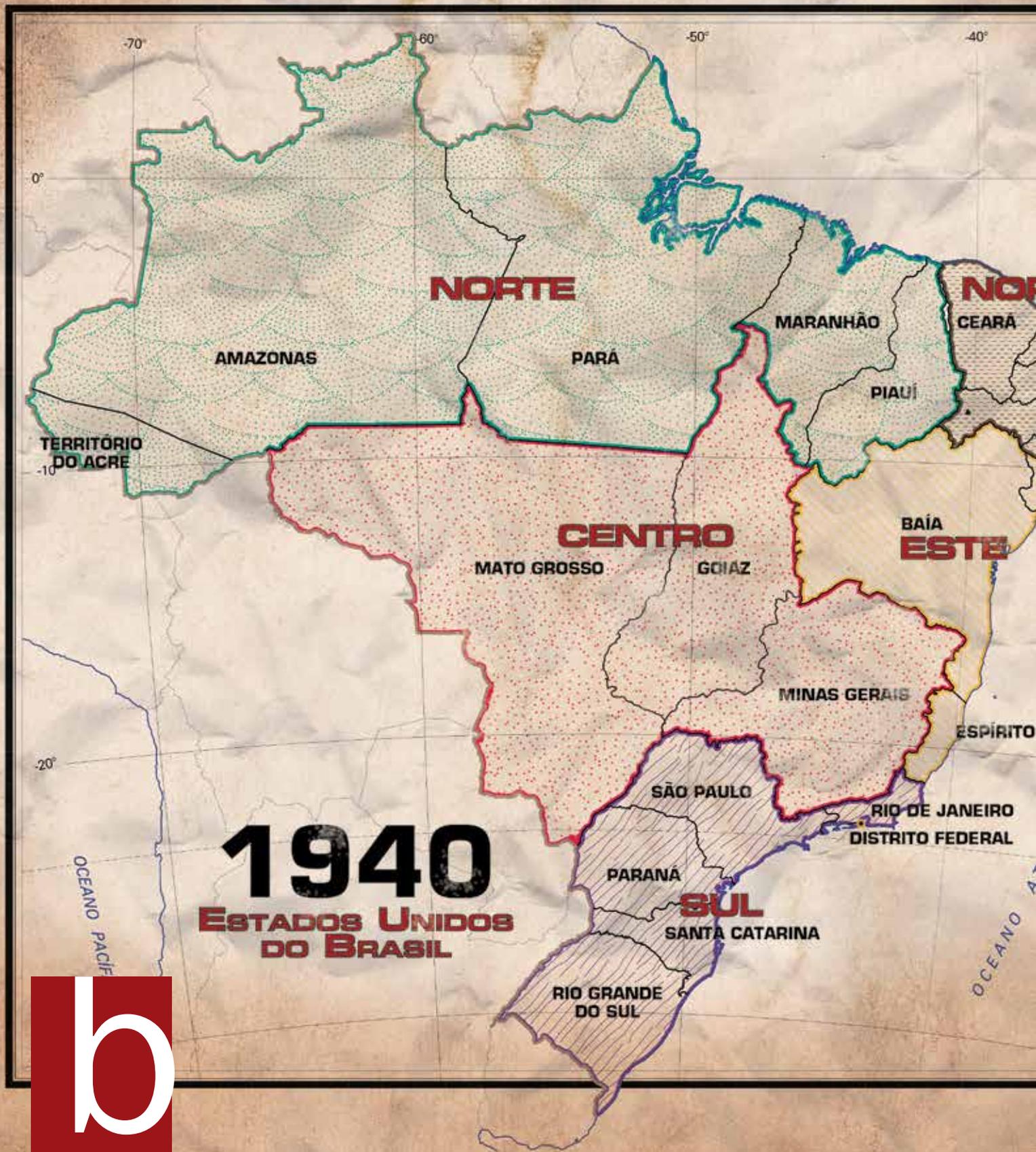
**Octávio** Na agropecuária, ainda precisamos nos debruçar sobre os indicadores e planejar futuras pesquisas para poder atender a esses objetivos. É importante também pensar em pesquisas pós-Censo Agropecuário para alimentar esses indicadores estabelecidos pela ONU e acompanhar a evolução do ODS 2. Algumas informações não são pesquisas que vão nos dar e sim registros administrativos do governo, como por exemplo, dados do Banco Central e estimativas de gastos em subsídios agrícolas e em crédito rural. Formar essas parcerias também é um desafio para o IBGE.■



**André Martins,** mestre em Engenharia de Produção pela UFF, é o pesquisador do IBGE responsável pelo tema produção de alimentos no ODS 2.



**Octávio Costa,** Doutor em Ciências do Solo pela UFRRJ, é o pesquisador do IBGE responsável pelo tema agropecuária no ODS 2.

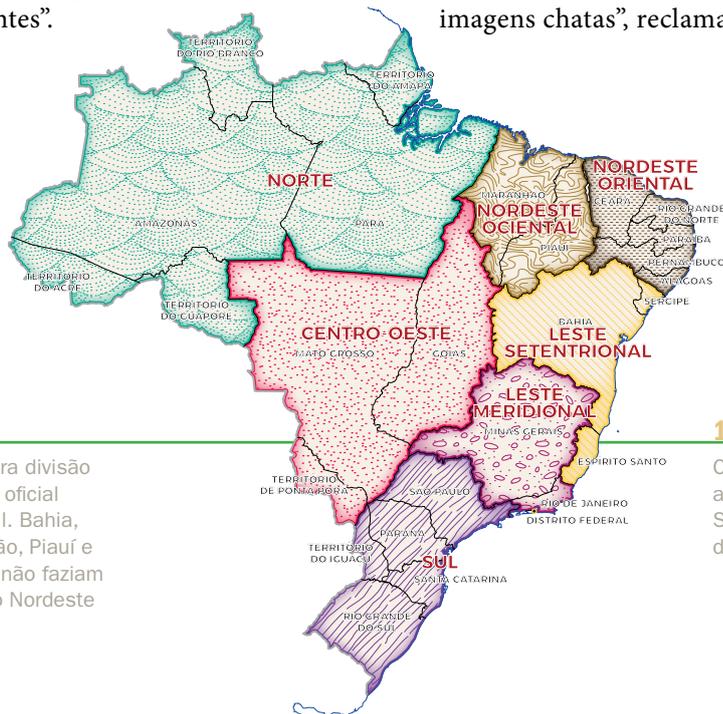


# cinco faces do Brasil

texto Marcelo Benedicto Mônica Marli  
ilustração e design Pedro Vidal

Os irmãos Thiago e Felipe Caldas, de nove e sete anos, estão tendo os primeiros contatos com o tema divisão regional do Brasil. Para o mais velho, que está no quarto ano do ensino fundamental, a matéria é dada na escola. Já o caçula está aprendendo sobre o assunto observando o irmão estudar. E é ele quem não hesita na hora de responder o que são as regiões do país: “São pedaços do Brasil, porque o país é muito grande, aí separaram em regiões com características diferentes”.

Eles ainda se confundem na hora de dizer o nome de cada “pedaço” do país, mas Thiago já sabe responder prontamente que são cinco e que o IBGE é o órgão responsável por propor essa divisão. O que ele também tem na ponta da língua é a opinião sobre as aulas de Geografia. “São chatas! Pelo menos do jeito que eu aprendo. Podia ter um globo gigante, maior do que a minha casa, para a gente subir nele e olhar o Brasil. Em um livro não consigo ver nada, só tem imagens chatas”, reclama.



1940

A primeira divisão regional oficial do Brasil. Bahia, Maranhão, Piauí e Sergipe não faziam parte do Nordeste

1945

O Brasil passou a ter sete regiões. São Paulo era um dos estados do Sul

## Vamos Contar

Para estimular o uso das informações produzidas pelo IBGE de forma lúdica, o Instituto criou o projeto Vamos Contar, que promove a interação entre o órgão e os educadores brasileiros. O site do projeto sugere atividades e recursos para as aulas, como as Caixas das Grandes Regiões Brasileiras e As Crianças nas Regiões do Brasil, que tratam do tema divisão regional do país. [vamoscontar.ibge.gov.br](http://vamoscontar.ibge.gov.br)

Assim como Thiago, muitas crianças também têm essa mesma percepção em relação ao estudo das regiões geográficas. De acordo com a pedagoga do IBGE, Tatiana Barboza Miranda, isso acontece porque elas se sentem distantes do conteúdo: “a gente fala muito que a criança tem que se identificar com o dado, tem que se ver na informação para que aquilo faça sentido”.

Segundo Tatiana, é preciso estimular a criança para que ela desenvolva a curiosidade de conhecer as regiões. “É muito importante não só destacar aspectos geográficos,

“O símbolo da geografia unitária - aquela que não separa o físico do social, o natural do humano, o ecológico do cultural - é a região. Ora, o conceito de região foi vendido como sendo um edifício estável. Só que não é”

Geógrafo Milton Santos – entrevista à revista *Veja* (16/11/1994)

como clima, fauna e flora, mas também o aspecto cultural, para que se tenha uma visão mais próxima do que significa morar em cada uma delas”.

O professor de Geografia, Roberto Marques, acredita que outro caminho para estimular o interesse das crianças pelo assunto é através de discussões sobre como é feito

o processo de regionalização. “A divisão regional muitas vezes é ensi-

nada como algo consolidado, que os alunos devem decorar. Acredito que seja necessário trabalhar menos o produto final da regionalização e mais o sentido de dividir em regiões”, comenta.

Discussões como essa levaram a equipe da Retratos a pensar sobre o quanto um adulto conhece do assunto. Citar os nomes das cinco regiões e apontá-las no mapa deve ser uma tarefa fácil para muita gente, mas será que alguém sabe explicar o que define cada uma delas? Quem sabe dizer se o Brasil sempre foi dividido assim?

Os mapas publicados nesta matéria mostram que o país sempre



## 1960

Bahia e Sergipe pertenciam à Região Leste, com Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito Santo

foi dividido em regiões que agrupavam estados geograficamente próximos, porém esses agrupamentos nem sempre foram os mesmos. Maranhão, Piauí, Bahia, Sergipe e São Paulo são exemplos de Unidades da Federação que alternaram seu posicionamento regional ao longo do tempo.

### UM PAÍS DE NORTE A SUL

A atual divisão do Brasil com cinco Grandes Regiões (Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul) foi criada na década de 1970 e sofreu modificações pontuais: a criação do estado de Tocantins, cuja faixa territorial pertencia ao estado de Goiás, situado no Centro-Oeste, e a divisão do Mato Grosso, que originou o Mato Grosso do Sul.

“A força da atual divisão está na simplicidade de se ter cinco regiões. Ainda hoje ao se falar de cada uma delas se pode remeter a uma identidade. Isso está no projeto educacional de uma geração. É uma forma

de criar uma coesão no país”, destaca a geógrafa do IBGE, Adma Hamam.

As cinco Grandes Regiões brasileiras levam em conta os limites estaduais e foram divididas a partir de características comuns, considerando aspectos físicos, humanos, econômicos e também culturais.

“O Norte é visivelmente o bioma amazônico, de domínio florestal. O Nordeste é o semi-árido. O Sudeste tem o peso econômico. O Centro-Oeste é a fronteira agropecuária. O Sul tem o Pampa, mas sua densidade está relacionada à posição geográfica de fronteira e aos imigrantes europeus”, define Adma e completa: “cada quadro natural força

um povoamento e uma cultura diferente”

### PRIMEIROS RECORTES

A primeira regionalização oficial do Brasil aconteceu no início da década de 1940. Na época, o espaço brasileiro tinha diversas “divisões”, segundo critérios variados e para diferentes fins. Foi o IBGE, órgão recém-criado, que teve o papel de definir uma única divisão regional para o país. E, desde então, o Instituto passou a ser o órgão responsável por propor mudanças quando necessário.

Inicialmente, os desenhos das regiões se baseavam nas formações naturais: “as divisões iniciais eram basicamente componentes físicos, mas juntar relevo, clima e vegetação já era



“Cada quadro natural força um povoamento e uma cultura diferente. O Norte é visivelmente o bioma amazônico. O Nordeste é o semiárido. O Sudeste tem o peso econômico. O Centro-Oeste é a fronteira agropecuária. O Sul tem o Pampa”

Adma Hamam

um avanço enorme em termos de metodologia”, comenta Adma.

Segundo a geógrafa, essas primeiras divisões tinham como preocupação a integração e a unidade territorial do país: “o contexto político era influenciado pela ruptura da política do café com leite. São Paulo e Minas Gerais tinham perdido um pouco da hegemonia política do Brasil”.

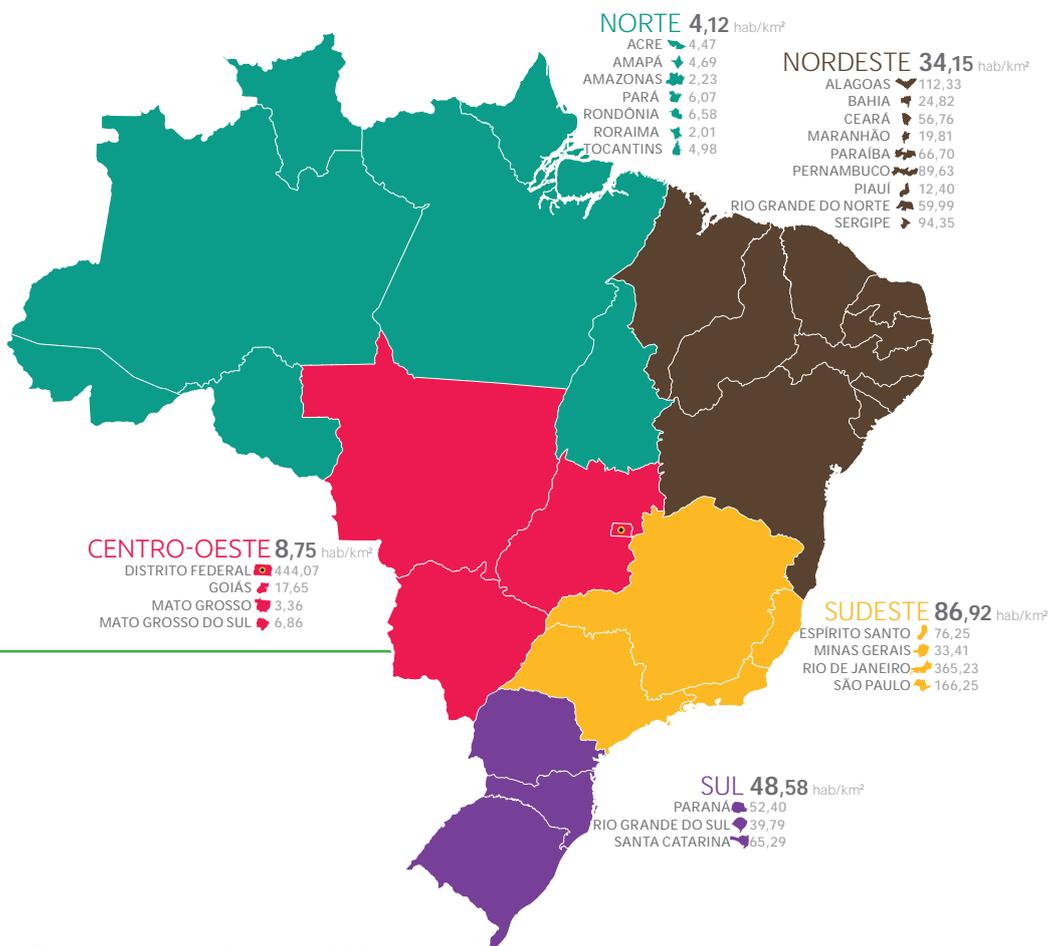
Ela também explica que a partir dos anos 1960 passou a predominar a ideia de planejamento do país, tendo como ponto de partida o Plano de

Metas do governo do presidente da República Juscelino Kubitschek. Foi nesse período que a região passou a ser vista como um espaço organizado pelo homem no qual se deve considerar a evolução de estruturas econômicas e sociais e a análise dos fluxos regionais (mercadorias, pessoas ou capital).

### DIVIDIR PARA CONHECER

Para se conhecer um país é necessário dividi-lo, pois é dessa forma que se conseguem perceber as diferenças. “E em um país continental como o Brasil, isso se torna ainda mais essencial”, destaca Adma.

Ela explica, ainda, que a divisão regional é um conceito chave da Geografia: “é um método sintético para conhecer o território. Você tenta buscar um pouco da história e da dimensão natural, e a síntese disso são as regiões”. Assim, essa divisão do espaço geográfico brasileiro é fundamental para o desenvolvimento de teorias e métodos em estudos acadêmicos, para o planejamento e a gestão do território nacional, além de ser a base para o levantamento e divulgação de dados estatísticos.■



# biodiversidade brasileira

texto Marcelo Benedicto

design Pedro Vidal

fotos ICMBio e Pixabay

O território brasileiro abriga cerca de um terço de todas as florestas tropicais do planeta e o maior sistema fluvial do mundo, além de reunir cerca de 1,8 milhões de espécies em seis biomas. Tal magnitude faz com que o Brasil esteja entre os cinco países que possuem maior diversidade biológica na Terra.

Tomados como uma referência básica para os projetos de regionalização do país, como mostra a matéria “Cinco faces do Brasil”, publicada nesta edição, os biomas Amazônia, Cerrado, Caatinga, Mata Atlântica, Pantanal e Pampa são sistemas naturais que ao longo da história

sofreram o impacto dos ciclos econômicos e do processo de ocupação do espaço brasileiro. Suas denominações têm como referência o tipo de vegetação e o relevo predominantes nos ambientes em que se situam.

Ainda hoje, a diversidade encontrada em cada um desses biomas pode ser percebida a partir de uma comparação entre eles e através de uma observação das características internas de cada um.

Para realçar aspectos dessa diversidade, a Retratos selecionou informações que dão a dimensão da variedade de espécies que compõem nossos biomas, representados em áreas proporcionais ao espaço que cada um ocupa no território.

## Espécies animais do Brasil

Mamíferos 720



Aves 1.924

Répteis 759



Anfíbios 986



Peixes 4.388



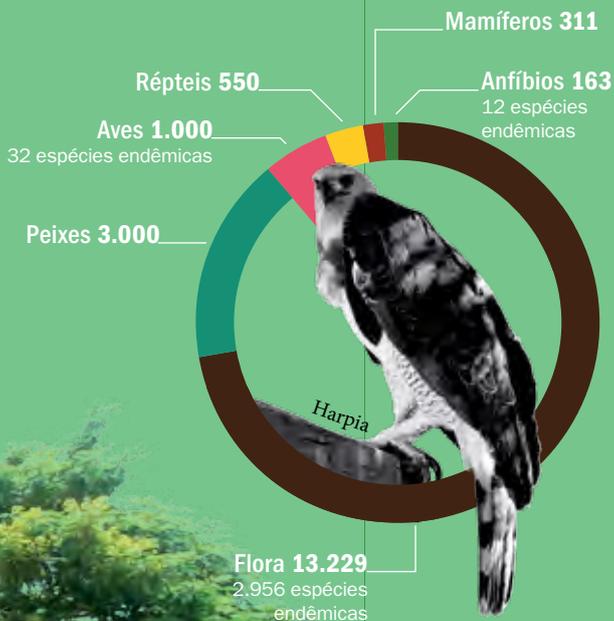
1 - Tamanduá-bandeira 2 - Jacaré 3 - Sapo

Pau-Brasil

## Flora nacional

No Brasil, foram catalogadas mais de 46 mil espécies da flora. Essa é uma riqueza tão vasta que, se colocada no gráfico ao lado, seria mais de dez vezes o tamanho da barra correspondente aos Peixes. Mais detalhes podem ser vistos no Mapa de Biomas do Brasil do IBGE. Para baixá-lo, acesse: <https://goo.gl/1gT2Pf>

g



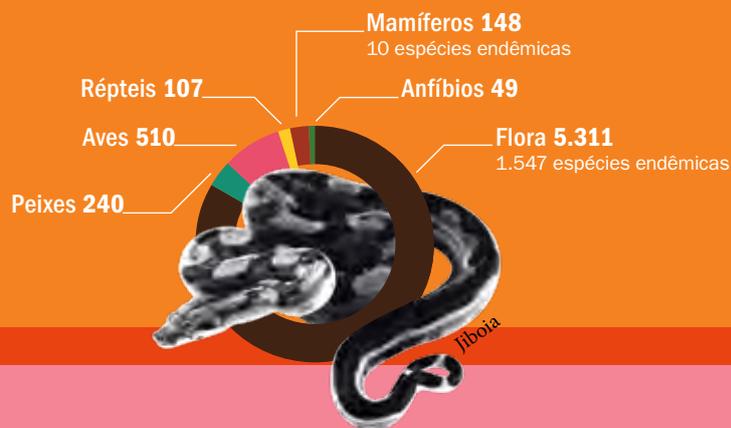
# Amazônia

É o maior bioma brasileiro em extensão, ocupando quase metade do território brasileiro (49,3%). A grande variedade de espécies da flora por hectare garante a convivência de inúmeras paisagens, parte das quais fica encoberta em períodos de cheia. É da Bacia Hidrográfica Amazônica, caracterizada por rios de grande porte, que é extraída a base da alimentação da população local: peixes que chegam a percorrer 4.000 km em rotas migratórias.

**fontes** ICMBio, SiBBR e livros *Brasil - Uma visão geográfica e ambiental no início do século XXI* e *5º Relatório Nacional do Brasil para a Convenção sobre Diversidade Biológica*  
**colaboraram** Bruno Bimbato, Frederico Takahashi, Mauro Lambert, Karina Meirelles e Marina Cardoso (estagiárias)  
**fotografias** A. Zucherman, Carlos Coutinho, Ivan Amaral, Jorge Silva, Marcos Amend e Marco Freitas

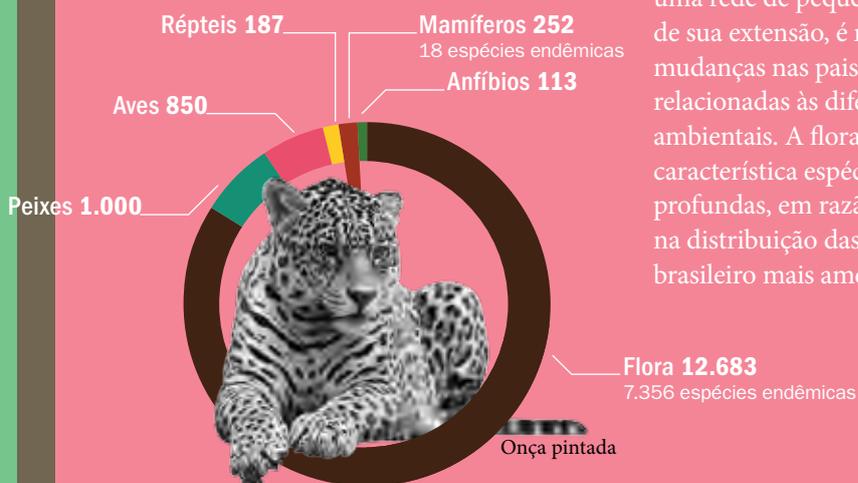
# Caatinga

Bioma que só existe no Brasil, é caracterizado pelo clima seco, com baixa pluviosidade. Devido a esse fator, exemplares da flora local possuem a capacidade de estocar água. A hidrografia do Cerrado possui vários rios intermitentes, que secam totalmente em certas épocas do ano. Para se adaptar a essa realidade, espécies de peixes enterram seus ovos na lama para que fiquem protegidos durante a seca, garantindo o surgimento de uma nova população na cheia.

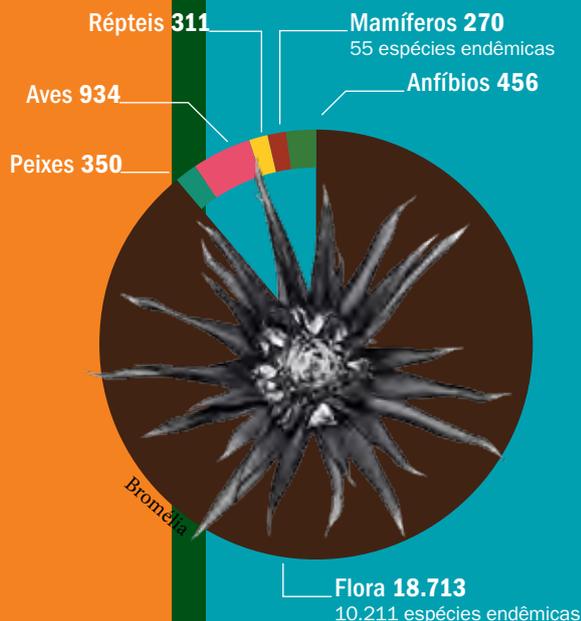


# Cerrado

Ocupa 23,9% do território e é considerado a caixa d'água do Brasil por abrigar as cabeceiras de grandes bacias hidrográficas, além de possuir uma rede de pequenos rios. Ao longo de sua extensão, é marcado por mudanças nas paisagens, que estão relacionadas às diferentes condições ambientais. A flora tem como característica espécies com raízes profundas, em razão da sazonalidade na distribuição das chuvas. É o bioma brasileiro mais ameaçado.



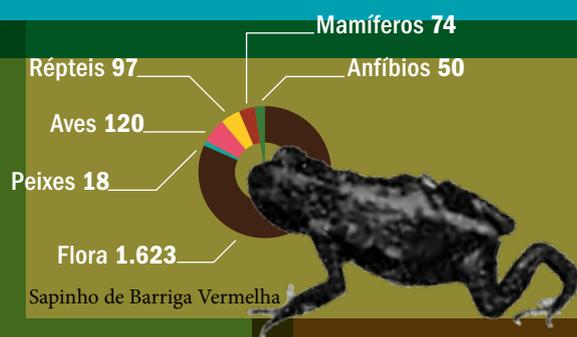
# Mata Atlântica



Bioma brasileiro que atualmente tem a menor cobertura vegetal, resultado de intensa devastação provocada pela ocupação histórica de toda sua extensão. Apesar disso, suas áreas remanescentes abrigam uma grande biodiversidade. Seu maior rio é o São Francisco, que nasce no Cerrado e atravessa a Caatinga. Quanto à vegetação, destaca-se a riqueza de espécies de flores e a variedade de árvores, como, por exemplo, a existência de 454 espécies em único hectare no sul da Bahia.

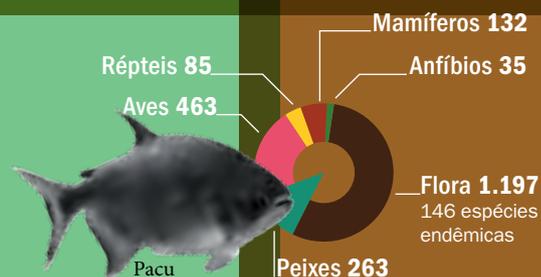
Conjunto de ecossistemas naturais caracterizados por formações campestres, similar às pradarias encontradas nos Estados Unidos. O bioma está localizado somente no Rio Grande do Sul, ocupando 63% do território do estado. Possui trecho de Mata Atlântica, que compõe uma paisagem integrada com a vegetação herbácea. O Pampa é marcado por variações climáticas extremas, o que dificulta a sobrevivência de algumas espécies.

# Pampa



# Pantanal

Grande área de planície inundada que é altamente dependente das cabeceiras dos rios oriundos do Cerrado. Pode ser vista como um prato que enche e transborda, estrutura que propicia o acúmulo de sedimentos. A diversidade biológica do Pantanal é bem complexa, pois tem relação com a Amazônia, o Cerrado e a Mata Atlântica. É a planície de inundação com maior riqueza de espécies de aves do mundo, com um total de 463 já registradas.





e

# novos arranjos familiares

texto João Neto

foto e design Licia Rubinstein

colaboração Marina Cardoso (estagiária) e Rodrigo Paradella

A avó que mora com os filhos e os netos; o padrasto que também é pai; o filho que se divide entre duas casas; a mãe que cria os filhos sozinha; casais que optaram por não ter filhos. Quem não conhece um caso assim? Aquele clássico padrão de família formado por pai-mãe-filhos vem perdendo espaço e novos perfis vão se configurando nos lares brasileiros. Os últimos 60 anos foram cruciais para essa transformação. A entrada da mulher no mercado de trabalho, a queda da taxa de fecundidade, a legalização do divórcio e a onda dos recasamentos provocaram mudanças estruturais no seio familiar, o que tem levantado discussões sobre o que é família.

A família Sader é um exemplo dessas novas composições. Pai solteiro, o bombeiro militar Leonardo, 44 anos, cria, com a ajuda da mãe, Sílvia, o filho João Pedro, 7 anos, depois que a mãe do garoto morreu, em 2012, vítima de câncer. Hoje, todos moram juntos na casa de Sílvia, em São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Mas nem sempre foi assim. Até os dois anos de idade, João morava com a mãe. Ela e Leonardo tiveram um relacionamento que terminou antes do nascimento do menino.

“Quando ela descobriu que estava grávida, nós já estávamos separados. Logo depois,

ela foi diagnosticada com câncer de mama. Foi um período muito difícil, porque os riscos para o bebê eram gigantes. E mesmo estando separado dela, acompanhei toda a gestação, assisti a todos os exames, no dia do nascimento eu estava lá no centro cirúrgico, filmei e fotografei o parto. O João ficou dez dias na UTI, porque nasceu de sete meses e meio. Eu ficava praticamente o dia todo no hospital”, relata.

No dia seguinte à morte da mãe, João passou a morar definitivamente com o pai. Leonardo, porém, não quis separar o filho da família materna, uma promessa feita à mãe

do menino. Desde então, João tem se adaptado muito bem ao novo lar. Uma das razões é o cachorro e as galinhas da avó com os quais adora brincar. Vaidoso, ele diz que plantou uma árvore sozinho, quando chegou lá.

Já Leonardo conta que foi difícil se adaptar à realidade de pai solteiro. “Nunca tive filhos. Depois que o João veio definitivamente para cá, acabou aquela vida de solteiro. Minha mãe me ajuda. A casa é dela, mas sei que a responsabilidade pela criação dele é toda minha”, diz. Apesar de ser uma avó coruja, dona Sílvia não adoça e diz que agora o filho



## Fotos

Leonardo e João: pai e filho passaram a morar juntos quando João perdeu a mãe, em 2012.

deve pedir permissão ao sair. “Ele tem que me perguntar se pode sair e se estou disponível para ficar com o João”, comenta. Mesmo diante das adversidades, Leonardo se diz muito satisfeito pelo filho e pela família que tem: “Muitas vezes, o João é muito mais meu amigo do que meu filho”.

## ESTATÍSTICAS REVELAM NOVAS TENDÊNCIAS NOS ARRANJOS

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) revelam que, desde 2005, o perfil composto unicamente por pai, mãe e filhos deixou de ser maioria nos domicílios brasileiros. Na pesquisa de 2015, o tradicional arranjo ocupava 42,3% dos lares pesquisados. Uma queda de 7,8 pontos percentuais em relação a 2005, quando abrangia 50,1% das moradias. Por outro lado, novas tendências ganharam força. Em 2015, por exemplo, quase um em cada cinco lares

era composto apenas por casais sem filhos (19,9%), enquanto que em 14,4% das casas só havia um morador.

**“Hoje o João é mais meu amigo do que meu filho. Sempre sonhei em ser pai, mas nunca senti vocação para a vida de casado. Nunca vou abandonar minha mãe. Minha família é a base de tudo”**

Leonardo Sader

Segundo o doutor em demografia da Escola Nacional de Ciências Estatísticas (Ence), José Eustáquio Diniz, uma das tendências que mais crescem nos domicílios é a chamada família mosaico. “A família mosaico é formada, por exem-

plo, quando um homem que já foi casado e teve filhos se casa novamente, com uma mulher que também já foi casada e tem filhos. E, então, após se casarem, eles têm mais um filho”, explica. Outro fenômeno crescente, conforme comenta Eustáquio, é denominado de ninho vazio: “Esse é o caso de casais que tiveram filhos, mas que os filhos já saíram de casa”.

De acordo com a pesquisadora do IBGE, Cíntia Agostinho, as casas têm ficado mais vazias, basicamente, por dois motivos: a população está vivendo mais e tendo menos filhos. “Com o aumento da expectativa de vida da população, aumenta também o número de idosos, principalmente mulheres, morando sozinhos. Hoje, eles possuem mais independência física e financeira. O número de domicílios com filhos também vem caindo como um todo justamente porque as mulheres estão tendo menos filhos” explica.



## Quatro gerações na mesma casa

Se cada vez mais os lares brasileiros abrigam menos pessoas, não é o que acontece com a família da auxiliar de serviços gerais Vanessa Marques, 34 anos. Ela é mãe de quatro filhos, casada com o pai do filho caçula, já é avó e divide a moradia com a mãe. Todos vivem sob o mesmo teto, em uma casa na Vila Pinheiro, na Zona Norte do Rio de Janeiro. Yuri, 20 anos, é o filho mais velho, fruto do primeiro namoro de Vanessa. Do segundo relacionamento, ela teve Bruna, 16 anos, e Bianca, 17 anos. Há nove anos ela começou um relacionamento com o auxiliar de construção civil, Luiz Cláudio, 28 anos, e tiveram o pequeno Davi Lucas, de 4 anos. Há dois anos, a casa ganhou mais um morador: Enzo Gabriel, filho de Bianca. Dona Josefa, mãe de Vanessa, completa a família.

Vanessa conta que a decisão de morar todos juntos veio mais

por necessidade do que por escolha. “A casa onde a gente mora é da minha mãe. Como tive filho muito jovem e não trabalhava, não tive condições de sair da casa dela. O pai das meninas não me ajudou. Eu tive que bancar tudo sozinha. Só minha mãe, que é aposentada, me ajudou. Nem sei como faria sem a ajuda dela. Até pouco tempo, somente eu trabalhava. Hoje, graças a Deus, meu marido e meu filho mais velho trabalham, mas, ainda assim, são muitas bocas para alimentar. Por causa disso acabamos morando todos juntos”, explica.

Vanessa diz que a relação entre o marido e os enteados costuma ser tranquila, mas às vezes ocorrem pequenos desentendimentos. “Como toda adolescente, as meninas têm umas atitudes rebeldes que incomodam o Luiz. Mas quando isso acontece, ele prefere não confrontar as me-

ninas. Ele conversa comigo e eu repasso para elas. Nunca houve falta de respeito entre eles”, garante. Já com o filho mais velho, a relação sempre foi amigável, ressalta. “Os dois se dão muito bem”, conta, orgulhosa.

Mesmo atualmente sendo casada, Vanessa sempre cumpriu o papel de pai e mãe dos mais velhos. Ela confessa que desempenhar essa função no dia a dia não é nada fácil. “Depois que tive o Davi, eu foquei um pouco mais nele e deixei os mais velhos um pouco de lado e isso deixou eles, principalmente as meninas, com ciúme. Talvez eu tenha errado em não dar tanta atenção a elas nesse momento”, admite. Mas, por outro lado, ela defende que o fato de sua família ser diferente das demais não diminui o amor existente entre todos. “Amo meus filhos da mesma forma. Família, para mim, é tudo”, conclui. ■

### Foto

Vanessa mora com a mãe, o marido, quatro filhos e um neto: juntos mais por necessidade do que por escolha.

# milho e soja: safra recorde

**texto** Marília Loschi e Marcelo Benedicto

**fotos** Eduardo Peret e Licia Rubinstein **design** Simone Mello

**colaboraram** Larissa de Pieri Grizoli e Leandro Rodrigues Santos



e



## COM ESTIMATIVA DE PRODUÇÃO DE 240 MILHÕES DE TONELADAS E CRESCIMENTO DE MAIS DE 30% EM RELAÇÃO À SAFRA DO ANO ANTERIOR, O ANO DE 2017 TERMINA COM RESULTADOS RECORDES NA AGRICULTURA.

O clima ajudou e a terra responde: só de soja, milho e arroz, as três principais culturas do país, as safras ultrapassam 225 milhões de toneladas em 2017 (para se ter uma base de comparação, a produção total de grãos em 2016 foi de 186 milhões de toneladas). Os efeitos são sentidos em cadeia: a boa colheita aumentou a oferta de produtos no

mercado e possibilitou preços mais baratos para o consumidor, gerando deflação; a exportação de soja atingiu patamares recordes em comparação ao ano passado; além disto, a ótima produtividade ajudou a impulsionar a participação da agricultura no PIB do país e a diminuir o impacto das quedas de outros setores.

“As condições climáticas desse ano foram muito boas para o desenvolvimento da safra. Mas também não foi só o clima: teve aumento de quatro milhões de hectares de área plantada, é um aumento de 7,3%”

Alfredo Guedes

### Os maiores

Soja, milho e arroz correspondem, juntos, a cerca de 94% dos grãos colhidos no Brasil.

Entre os dez maiores produtores de arroz no mundo, o Brasil é o único país não asiático (ver mapa).

De acordo com Carlos Alfredo Guedes, gerente do Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (o LSPA, pesquisa do IBGE que atualiza as estimativas da produção agrícola mês a mês), a safra de 2017 apresentou o maior crescimento desde o início da pesquisa, em 1975. “As condições climáticas desse ano foram muito boas para o desenvolvimento da safra. Mas também não foi só o clima: teve aumento de quatro milhões de hectares de área plantada, é um aumento de 7,3%. Mas quando você compara com a produção, vê que foi um aumento muito maior na produtividade, o rendimento das lavouras foi muito maior do que o anterior”, explica Alfredo.

### MOVIMENTANDO A ECONOMIA

No segundo trimestre de 2017, o PIB fechou com pequena alta de 0,3% em relação ao mesmo período do ano anterior. Se observarmos apenas o setor agropecuário, o crescimento foi de 14,9%, o maior de todos os setores pesquisados, amenizando o efeito das retrações da indústria e dos serviços: “Em 2017, o agro foi praticamente o único setor da economia que

cresceu. Então, se houve crescimento geral do PIB, podemos dizer que foi por causa da agricultura”, comenta Alfredo.

Ainda que responsável por uma pequena fração do PIB brasileiro, a participação da agropecuária na economia do país é bem maior do que parece: além dos números do setor primário, a agropecuária movimentou outros setores, como indústria, transportes, exportação, produção e vendas de máquinas e equipamentos. Esta visão mais abrangente da participação da agropecuária no país é consolidada no que se chama o PIB do agronegócio, calculado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), da Universidade de São Paulo (USP).

Nicole Rennó, pesquisadora do Cepea, explica o conceito: “Enquanto o IBGE divulga o PIB dos três grandes setores (agropecuária, indústria e serviços), a gente olha para dentro desses setores e vê, no PIB da indústria, o que é a agroindústria; dentro do PIB dos serviços, o que foi relacionado à agropecuária. Então, a gente traz essas parcelas para o agronegócio”. Isto inclui

todas as etapas da produção agro, desde os insumos como defensivos e fertilizantes e a compra de máquinas agrícolas, até o momento pós-colheita, como o processamento industrial e os serviços de transporte e comércio.

Os dados do Cepea mostram que praticamente todos os segmentos do agronegócio tiveram desempenho positivo, gerando crescimento de 5,81% no PIB-volume do agronegócio na avaliação de janeiro a julho de 2017. “A safra recorde foi um ponto forte dentro do agronegócio”, avalia Nicole. “E, pela ótica do consumidor, o setor teve um desempenho bastante favorável este ano, entregando um volume maior a preços menores”.

A boa surpresa na mesa dos brasileiros apareceu nos números do Índice de Preços ao Consumidor Amplo, o IPCA, calculado pelo IBGE para dimensionar a inflação. Em agosto, por exemplo, com boa parte da safra de milho e soja já colhida, aumentou a oferta desses grãos no mercado e os preços caíram consideravelmente: o setor de cereais, leguminosas e oleaginosas teve queda de 17,59% nos

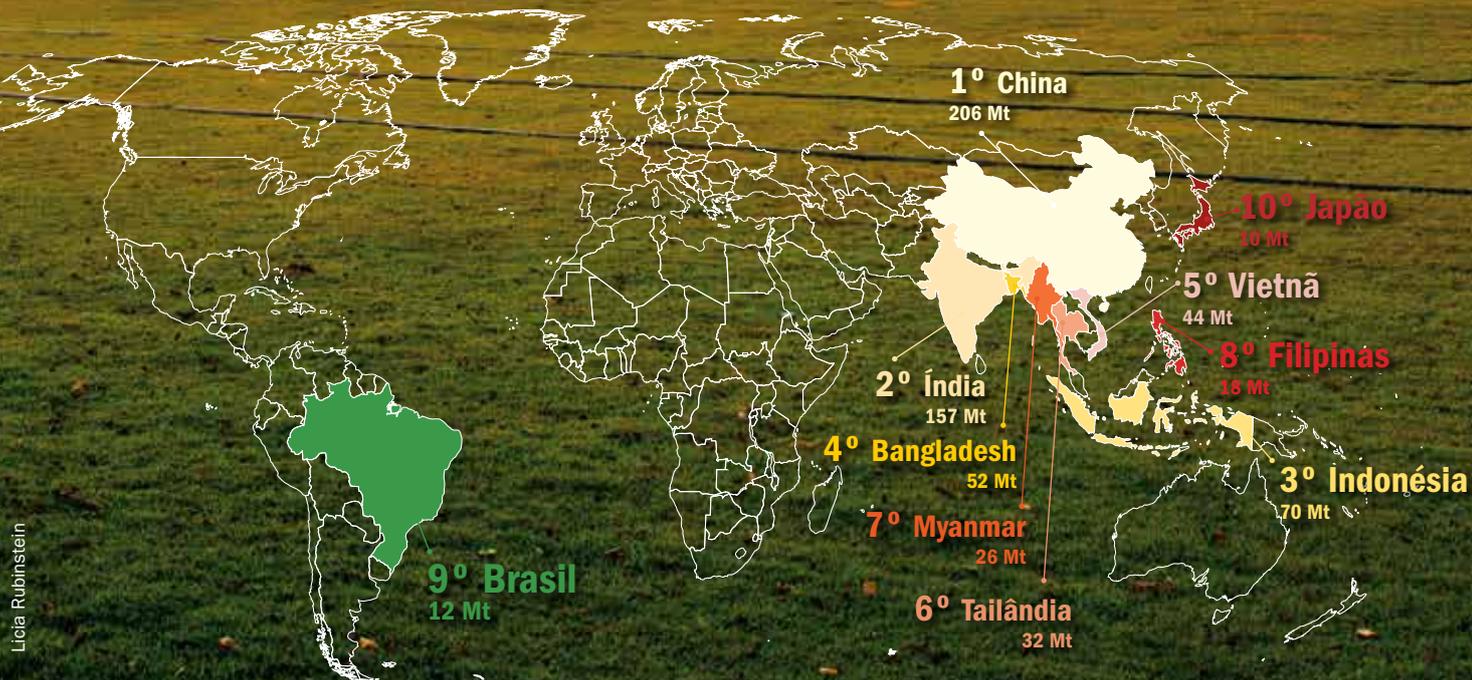
## MAIORES PRODUTORES MUNDIAIS DE GRÃOS

em milhões de toneladas - 2014



## MAIORES PRODUTORES MUNDIAIS DE ARROZ

em milhões de toneladas - 2014



Licia Rubinstein



Eduardo Peret



Eduardo Peret

“Em 2017, o agro foi praticamente o único setor da economia que cresceu. Então, se houve crescimento geral do PIB, podemos dizer que foi por causa da agricultura”

Alfredo Guedes

preços, seguido por frutas, com queda de 16,36%, enquanto o índice geral nacional apresentou aumento de 1,62% nos preços.

#### PARA EQUILIBRAR AS CONTAS

O estado do Paraná é o segundo maior produtor de cereais, leguminosas e oleaginosas no país, responsável por cerca de 17% da produção, e é o maior produtor de feijão do país. Marcelo Lis, 32 anos, é produtor rural juntamente com seu pai em Prudentópolis, cidade que mais produz feijão no Paraná desde 2013, de acordo com a Pesquisa Agrícola Municipal (PAM), do IBGE. Ele e o pai trabalham cerca de 250 hectares de terras próprias e arrendadas, plantando principalmente feijão preto, mas também soja, trigo e milho. O feijão preto é a variedade mais comum na região, devido à sua alta procura: “Mesmo que aconteça algum imprevisto de pegar muita chuva na hora da colheita, ainda vai ter alguém para comprar. É um produto forte de comércio”, conta Marcelo.

A cultura do feijão, realizada em três safras em muitas regiões do Brasil, só tem duas safras na região de Prudentó-

polis, por causa da geada – o que não impede os ótimos resultados, desde que no restante do ano o clima ajude, conforme atesta Marcelo: “É um conjunto de fatores que faz com que você tenha uma boa produtividade. De 60 a 70% é o clima que interfere na produção. Agora, dentro dos fatores que o homem pode interferir, influencia na alta produtividade toda a preparação e correção do solo, a adubação, o manejo”, explica. E comemora: “A safra de 2017 foi muito boa”.

#### APOSTAS NA PRÓXIMA SAFRA

O Matopiba é um conjunto de 337 municípios, num total de aproximadamente 73 milhões de hectares, na confluência dos estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, em que se destaca a produção de soja, milho e algodão. A região utiliza tecnologia moderna e garante mais de 10% da safra de grãos do Brasil.

Distante aproximadamente 800 km de São Luís, capital do Maranhão, o município de Balsas é o principal produtor de soja do estado. A história do cultivo do produto na região teve início há cerca de 40 anos, período em que pessoas da Região Sul do país chega-

ram ao município em busca de negócios rentáveis. Não é à toa que no local existe um Centro de Tradições Gaúchas.

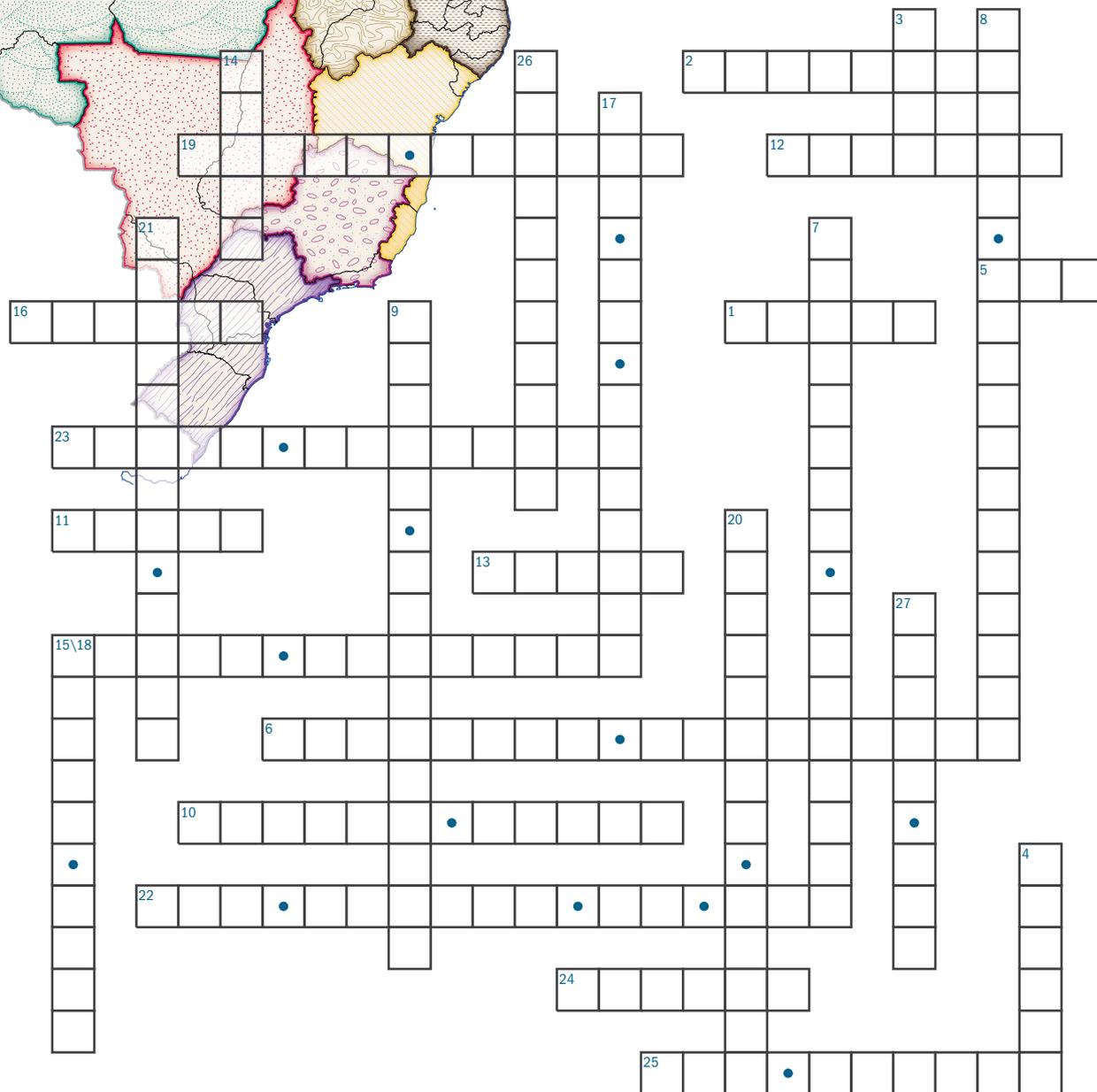
Jorge Vieira Salib, 68 anos, é um dos produtores de grãos de Balsas. Atualmente, sua fazenda dispõe de uma área de 5.500 hectares, sendo 3.500 hectares reservados para a produção de milho e soja. No primeiro semestre de 2017, o agricultor avalia que a produção não foi ruim, mas ficou abaixo das expectativas: os produtores da região estimavam uma colheita de mais de 50 sacas de soja por hectare, mas obtiveram em torno de 47 sacas por hectare.

Os trabalhos para a próxima safra começaram com o plantio dos grãos entre o fim do mês de outubro e o início de novembro, forma de aproveitar a chegada das primeiras chuvas na região. A expectativa é que a colheita dos grãos aconteça nos meses de fevereiro e março de 2018. Uma boa notícia é que além dos resultados dessa e das próximas safras, 2018 vai trazer mais informações sobre a agropecuária brasileira “colhidas” pelo Censo Agropecuário, que está em campo até março. ■

#### Fotos

Milho e farelo de soja em Maringá (PR).

# cruzadas temáticas



concepção Helga Szpiz e Pedro Vidal

**Horizontais 1, 2, 5, 6, 10, 11 e 12** - De 1940 até hoje, o Brasil teve doze nomes de regiões; que nomes são esses? **13** - No mapa de 1940, este estado tinha grafia sem a letra "h"; qual é este estado com a grafia atual? **16** - Nome de um dos dois territórios criados em 1945 que já não existiam em 1960. **18** - Estados do atual Nordeste que mudaram duas vezes de região. **19** - Estado do atual Sudeste que mudou de região três vezes. **22-24** - Três estados fazem parte da Região Sul desde o mapa de 1940. **25** - Antes de ser chamado Roraima e Território de Roraima, era chamado de Território do...

**Verticais 3, 4, 7, 8 e 9** - Entre as mudanças de nomes de regiões do Brasil de 1940 até hoje, são exemplos de nomes usados no passado. **14** - Atualmente não usamos "z" no nome deste estado; como era grafado o nome dele? **15** - Território criado em 1945 que já não existia em 1960. **17** - Em 1960 Brasília foi construída e a sede da Capital Federal deixou de ser o... **20** - Estado que fez parte do Este, Leste Setentrional, Leste e agora integra o Sudeste. **21** - Estados que fazem parte do Norte desde o mapa de 1940. **26** - Conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que orienta os trabalhos de elaboração de cartas geográficas. **27** - Regiões que não mudaram de nome desde 1940.

**Horizontais** 1.Norte 2.Nordeste 5.Sul 6.Nordeste Ocidental 10.Centro-Oeste 11.Leste 12.Sudeste 13.Bahia 16.Iguaçu 18.Piauí 19.Maranhão 22.Rio Grande do Sul 23.Santa Catarina 24.Paraná 25.Rio Branco  
**Verticais** 3.Leste 4.Centro 7.Nordeste Oriental 8.Leste Meridional 9.Leste Setentrional 14.Goiás 15.Pernambuco 17.Rio de Janeiro 20.Espírito Santo 21.Amazonas 24.Paraná 25.Rio Branco 27.Norte-Sul



# A notícia de quem produz a informação



O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística tem a sua própria agência de notícias. Digite [agenciadenoticias.ibge.gov.br](http://agenciadenoticias.ibge.gov.br) e acesse um mundo de informações em diferentes formatos: releases e vídeo-releases; notícias; infográficos; banco de imagens; vídeo-reportagens; pequenos documentários e reportagens. A Agência IBGE Notícias também produz mensalmente a revista Retratos e gera conteúdo jornalístico nos perfis do IBGE nas redes sociais. Muitas mídias, diversos formatos e um só objetivo: informação para a cidadania.

[agenciadenoticias.ibge.gov.br](http://agenciadenoticias.ibge.gov.br)



[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br) 0800-721-8181



MINISTÉRIO DO  
PLANEJAMENTO,  
DESENVOLVIMENTO E GESTÃO



